

DO PROTESTO SOCIAL À GUERRA DAS NARRATIVAS

A mídia ocidental simplifica o Irã, transformando protestos econômicos em “revolta nacional” e ignorando a complexa psicologia social que resiste às intervenções externas; é crucial adotar o realismo e a diplomacia, abandonando as ilusões de mudança de regime.

Prof. Dr. Ghadir Golkarian*



Imagen meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

Nas últimas semanas e meses, o Irã voltou a ocupar o centro das atenções da mídia internacional. No entanto, esse retorno não foi retratado como o de uma sociedade complexa com profundas contradições internas, mas sim por meio de uma narrativa simplificada e focada na crise. Os protestos sociais e econômicos que surgiram inicialmente em meio à desvalorização da moeda, à inflação crescente e às pressões cada vez maiores sobre os meios de subsistência foram rapidamente reformulados pela mídia externa como uma “revolta nacional contra a própria existência do sistema”. A discrepância entre a realidade dentro do Irã e a imagem reproduzida no exterior tornou-se tão grande que se transformou em um tema que exige análise independente. A questão fundamental permanece: por que o Ocidente continua a narrar o Irã não como ele é, mas como deseja que seja?

AS VERDADEIRAS RAÍZES DO DESCONTENTAMENTO: ECONOMIA, MEIOS DE SUBSISTÊNCIA E EROSÃO SOCIAL

Nenhuma análise imparcial pode negar que a economia iraniana enfrentou uma série de crises nos últimos anos. A persistente desvalorização da moeda nacional, a alta inflação, as dificuldades na importação de matérias-primas, as restrições bancárias e a pressão das sanções afetaram profundamente o cotidiano de milhões de iranianos. Os comerciantes lutam contra a estagnação e a instabilidade de preços, os pequenos produtores enfrentam custos crescentes e o declínio do poder de compra do consumidor, e a classe média sente-se cada vez mais exausta economicamente.

Nessas condições, o surgimento de protestos econômicos e profissionais não é anormal nem inesperado. Em muitos países, esses protestos constituem um mecanismo natural para expressar a insatisfação social. Em seus estágios iniciais, os protestos no Irã se concentraram principalmente em preocupações com o sustento, críticas às políticas econômicas e demandas por reformas estruturais. Muitos manifestantes até mesmo distinguiam claramente entre criticar as políticas e rejeitar o país ou sua soberania por completo – uma distinção deliberadamente ignorada em grande parte da análise externa.

PONTO DE VIRADA: QUANDO O PROTESTO SE TRANSFORMA EM DESORDEM

No entanto, essa situação não permaneceu inalterada. A partir de 8 de janeiro, múltiplos indicadores de campo revelaram uma mudança nas atividades de rua em certas áreas. A presença de armas de fogo, materiais incendiários, ataques direcionados às forças de segurança, destruição generalizada de propriedade pública e a queima de mesquitas, centros religiosos, instalações de saúde e infraestrutura urbana não podem ser conciliadas com nenhuma definição reconhecida de protesto civil ou profissional.

Historicamente, mesmo durante períodos de intensa agitação, a sociedade iraniana observou certas “linhas vermelhas” não escritas, incluindo a abstenção de danificar locais sagrados, serviços médicos e a vida dos cidadãos comuns. A transgressão dessas linhas foi um sinal claro de que parte da situação havia escapado ao controle dos manifestantes comuns e caído nas mãos de grupos que buscam escalada e instabilidade, em vez de reformas.

A natureza da violência empregada – particularmente em certos assassinatos e ataques organizados – apresentou semelhanças preocupantes com as táticas de organizações

terroristas. Tais padrões não visam expressar demandas, mas produzir baixas, provocar respostas duras e empurrar a sociedade para o caos descontrolado. Nos estudos de segurança, esses métodos são amplamente reconhecidos como ferramentas de guerra assimétrica.

PROVOCADORES, GRUPOS SEPARATISTAS E UM PROJETO ORIENTADO PARA A SEGURANÇA

A prisão de vários agentes de campo e a divulgação de informações preliminares sobre ligações entre alguns deles e redes afiliadas ao Mossad, à Organização Mujahedin-e Khalq (MEK), a correntes monarquistas e a grupos separatistas ofereceram um quadro mais complexo da agitação. A presença de elementos separatistas – particularmente em regiões fronteiriças – sugere que os objetivos de certos atores externos e interpostos foram além da pressão política ou midiática. Em vez disso, enfraquecer a coesão nacional e abrir caminho para cenários mais perigosos, incluindo a fragmentação do Irã, pareciam fazer parte da agenda.

Para a sociedade iraniana, isso constitui uma linha vermelha fundamental. A experiência histórica mostra que os iranianos, independentemente das diferenças políticas, são profundamente sensíveis à integridade territorial e à unidade nacional. Qualquer sinal de separatismo ou intervenção estrangeira gera rapidamente amplas reações negativas em todas as camadas sociais, reações que muitos planejadores externos não conseguiram antecipar.

RESTRIÇÕES À INTERNET E A EXPLOSÃO DA PROPAGANDA ESTATÍSTICA

A decisão do governo iraniano de restringir o acesso à internet visava interromper a coordenação entre redes violentas e evitar uma escalada ainda maior. No entanto, simultaneamente, criou um grave vácuo de informação. Veículos de mídia estrangeiros e redes sociais rapidamente preencheram esse vácuo com narrativas unilaterais e estatísticas não verificáveis.

Nesse contexto, circularam números contraditórios e altamente exagerados de vítimas, variando de 6.000 a 12.000 e até mesmo 20.000 mortes. Tais números não apenas não correspondiam às evidências de campo, como também eram historicamente implausíveis. Mesmo durante os oito anos da guerra Irã-Iraque – um conflito militar total – tais números não foram relatados em períodos tão curtos. Esse exagero estatístico foi menos um erro profissional do que parte de uma estratégia psicológica destinada a criar choque, mobilizar a opinião global e legitimar a pressão política e

econômica contra o Irã.

PSICOLOGIA POLÍTICA DA SOCIEDADE IRANIANA: UMA REALIDADE NEGLIGENCIADA

Uma das maiores fragilidades das análises ocidentais reside em sua incapacidade de compreender a psicologia política da sociedade iraniana. O Irã é uma sociedade pluralista e crítica, marcada por tensões internas. Insatisfação, protestos e até mesmo raiva social são reais e visíveis. No entanto, a experiência histórica demonstra que, quando os interesses nacionais, a integridade territorial ou ameaças externas estão em jogo, as divisões internas diminuem significativamente.

Em tais momentos, oponentes e apoiadores, cidadãos religiosos e seculares, críticos e lealistas muitas vezes se encontram do mesmo lado. Essa reação não é produto da propaganda estatal, mas está profundamente enraizada na memória histórica coletiva – moldada pela guerra, pela intervenção estrangeira e por projetos separatistas. Apesar dos repetidos encontros com essa realidade ao longo de décadas, líderes e conselheiros ocidentais continuam a não compreendê-la.

DEPENDÊNCIA EQUIVOCADA DA OPOSIÇÃO EXTERNA E DE UMA MINORIA VOCAL

Outro grande erro de cálculo tem sido a dependência excessiva do Ocidente em um pequeno segmento da diáspora iraniana. Embora esse grupo seja frequentemente muito visível nos espaços midiáticos, ele carece de peso social e político decisivo dentro do Irã. Confiar em um segmento de jovens politicamente inexperientes e emocionalmente motivados no exterior e promover figuras como Reza Pahlavi como alternativas políticas apenas aprofundou a lacuna entre a análise e a realidade.

Essa ilusão de representação levou os formuladores de políticas americanos e israelenses – incluindo Donald Trump e Benjamin Netanyahu, juntamente com certos senadores americanos como Ted Cruz e Lindsey Graham – a acreditarem que uma combinação de pressão econômica, guerra psicológica e agitação nas ruas poderia levar ao colapso uma sociedade de 85 milhões de habitantes. Mais uma vez, esse cálculo provou-se incorreto.

CONCLUSÃO: REALISMO VERSUS A ILUSÃO DA MUDANÇA DE REGIME

Os recentes acontecimentos demonstram que o projeto de desestabilização contra o Irã, apesar de seus custos humanos e psicológicos, não conseguiu atingir seus objetivos estratégicos. A República Islâmica do Irã, apesar dos problemas estruturais, das críticas

generalizadas e da insatisfação pública, continua a desfrutar de uma base social substancial. Uma parcela significativa da sociedade – motivada por crenças ideológicas, preocupações com a segurança ou integridade territorial – opõe-se ao colapso e à intervenção estrangeira.

É possível a derrubada do governo do Irã por forças externas? A experiência passada e presente fornece uma resposta clara: não. Pressão máxima, sanções, propaganda, dependência de grupos separatistas e oposição externa não produziram mudanças; em vez disso, reforçaram a coesão nacional em momentos de crise.

Se os Estados Unidos buscam genuinamente a desescalada e a resolução de seu relacionamento com o Irã, devem abandonar políticas baseadas em ilusões e abraçar o realismo: reconhecer a complexidade da sociedade iraniana, descartar fantasias de mudança de regime e retornar à diplomacia racional. Caso contrário, as forças neoconservadoras – há muito responsáveis por guerras e instabilidade em todo o Oriente Médio – mais uma vez empurrarão a região para um ciclo destrutivo de violência.

O Irã, apesar de suas divergências internas, não está sem raízes e nem à beira do colapso. O que se faz necessário hoje é o fim da guerra de narrativas e uma virada em direção a uma compreensão mais profunda da realidade – uma compreensão que, mais cedo ou mais tarde, prevalecerá sobre a propaganda política.

***Prof. Dr. Ghadir Golkarian**, pesquisador e autor iraniano radicado na Turquia e no Chipre, nasceu em Tabriz, Irã, em 1964. É acadêmico especializado em Ciência Política, Literatura Oriental e Linguística. Atua como professor universitário em tempo integral de relações internacionais. Como analista político, escreveu artigos para sites da BBC, Euro News Persian, Cyprus News e Asr Azadi Online, entre outros. Suas áreas de especialização abrangem o programa nuclear do Irã, as relações Irã-Israel, literatura persa e turca e política do Oriente Médio.
